

Publicação em: 24/04/2025

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS LESÕES AUTOPROVOCADAS ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA DO COVID-19 NO BRASIL

De Tal, Luiz Felipe de Azevedo Assunção¹, Ana Júlia Silva Teixeira¹, Christiane Maria
Passos Marcos¹, João Victor de Melo Amaral¹, Luiza Zielke da Silva¹, Maria Eduarda
Benevides Leite de Castro¹, Maria Fernanda Vieira Martins de Mello¹, Rodolpho Marcell
Medeiros Costa de Melo¹, Zelda Maria dos Santos Miranda¹

RESUMO

Introdução: As lesões autoprovocadas são um problema de saúde pública, associadas a transtornos psiquiátricos e risco de suicídio. A pandemia de COVID-19 impactou a saúde mental, podendo influenciar sua incidência. Este estudo analisa a evolução das internações por lesões autoprovocadas no Brasil entre 2018 e 2023, considerando variações por gênero e faixa etária. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico retrospectivo, baseado em dados do DATASUS (Morbidade Hospitalar do SUS). Foram analisadas as internações associadas aos códigos X60-X84 e Y87.0 da CID-10, entre 2018 e 2023, segundo gênero e faixa etária. A pesquisa utilizou dados públicos e anonimizados, dispensando aprovação ética (Resolução nº 510/2016 do CNS). **Resultados:** Os resultados indicaram um aumento expressivo das internações ao longo do período, principalmente no pós-pandemia. Em 2018, foram registradas 89.264 internações, enquanto em 2023 esse número atingiu 186.225 (+108,6%). A maioria dos casos ocorreu em mulheres e jovens de 15 a 29 anos, mas houve crescimento significativo entre adolescentes (10-14 anos) e idosos (>60 anos). Durante a pandemia, observou-se uma queda temporária em 2020-2021, seguida de um aumento expressivo nos anos seguintes. **Discussão:** A pandemia influenciou as variações, possivelmente devido ao isolamento social, dificuldades no acesso a serviços de saúde mental e impactos socioeconômicos. A predominância feminina reflete padrões globais de comportamento autolesivo. O aumento entre adolescentes pode estar relacionado a redes sociais e cyberbullying, enquanto o crescimento entre idosos reforça a necessidade de estratégias contra a solidão e suporte psicossocial. **Conclusão:** Os achados evidenciam a urgência de políticas públicas para a saúde mental, incluindo expansão do acesso ao SUS, programas de prevenção em escolas e campanhas de conscientização. O crescimento das internações exige monitoramento contínuo e intervenções eficazes para reduzir o impacto das lesões autoprovocadas na sociedade.

Palavras-chave: Lesões autoprovocadas; Covid-19; Epidemiologia; Incidência; Brasil.

Área temática: Saúde E-mail do autor principal: luiz03.az@gmail.com



Medicina, Universidade Potiguar¹, Natal-RN, luiz03.az@gmail.com

Medicina, Universidade Potiguar¹, Natal-RN, christiane_passos@hotmail.com

Medicina, Universidade Potiguar¹, Natal-RN, jvmeloamaral@gmail.com

Medicina, Universidade Potiguar¹, Natal-RN, luizazielke@gmail.com

Medicina, Universidade Potiguar¹, Natal-RN, me.benevides.lc@gmail.com

Medicina, Universidade Potiguar¹, Natal-RN, mariafernandavmello@gmail.com

Medicina, Universidade Potiguar¹, Natal-RN, teixeiraanajs@gmail.com

Medicina, Universidade Potiguar¹, Natal-RN, rmarcellmed@gmail.com

Medicina, Universidade Potiguar¹, Natal-RN, zelda.miranda@gmail.com **INTRODUÇÃO**

As lesões autoprovocadas representam um grave problema de saúde pública, estando frequentemente associadas a transtornos psiquiátricos, sofrimento psicológico e fatores sociais adversos. Segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), essas lesões são classificadas sob os códigos X60-X84 (lesões autoprovocadas intencionalmente) e Y87.0 (sequela de lesão autoprovocada intencional) (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2019). A compreensão da epidemiologia dessas ocorrências é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas eficazes de prevenção e intervenção.

No Brasil, dados fornecidos pelo Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), indicam um crescimento no número de internações por lesões autoprovocadas nos últimos anos. A pandemia de COVID-19, iniciada em 2020, intensificou os fatores de risco para essas ocorrências, como o isolamento social, a precarização das condições socioeconômicas e a dificuldade de acesso a serviços de saúde mental (Ministério da Saúde, 2021). Estudos prévios sugerem um aumento significativo dos casos durante e após a pandemia, sobretudo entre jovens e mulheres (Silva et al., 2022).

Internacionalmente, a OMS estima que mais de 700 mil pessoas morrem por suicídio anualmente, sendo que um número ainda maior sobrevive a tentativas de suicídio ou automutilação sem intenção letal (OMS, 2021). No Brasil, e no mundo, esse cenário exige

atenção, uma vez que os transtornos psiquiátricos ainda são subdiagnosticados e subtratados, especialmente na rede pública de saúde.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar a evolução das lesões autoprovocadas no Brasil entre 2018 e 2023, considerando diferenças por gênero e

faixa etária. Busca-se identificar padrões epidemiológicos antes e depois da pandemia da COVID-19, contribuindo para a compreensão do impacto do período pandêmico na saúde mental da população. A pesquisa se fundamenta em dados oficiais do DATASUS, garantindo embasamento estatístico para as conclusões.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma análise epidemiológica retrospectiva, baseada em dados secundários extraídos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). A pesquisa focou nas internações hospitalares por lesões autoprovocadas registradas no Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) entre os anos de 2018 e 2023. Foram analisadas as variáveis sexo e faixa etária, a fim de avaliar padrões temporais e possíveis mudanças na distribuição dos casos antes e depois da pandemia da COVID-19.

Os dados foram extraídos da área de Morbidade Hospitalar no SUS, considerando os códigos X60-X84 e Y87.0 da CID-10, os quais referem-se a lesões autoprovocadas intencionalmente e suas sequelas. As informações coletadas foram organizadas e apresentadas em tabelas para melhor visualização e interpretação dos resultados.

A análise dos dados consistiu na identificação de tendências epidemiológicas, comparando a distribuição dos casos ao longo dos anos e observando variações entre os períodos pré-pandêmico (2018-2019), pandêmico (2020-2021) e pós-pandêmico (2022-2023). A comparação foi realizada a partir de frequências absolutas e percentuais, destacando-se as principais mudanças nas características das vítimas ao longo do tempo.

Por se tratar de um estudo com dados públicos e anonimizados, não houve necessidade de aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que dispensa a exigência de avaliação ética para pesquisas que utilizam bases de dados secundários de acesso público.

RESULTADOS

A análise dos dados extraídos do DATASUS revelou um aumento significativo no número de internações por lesões autoprovocadas ao longo dos anos de 2018 a 2023. No ano de 2018, foram registradas 89.264 internações, enquanto em 2023 esse número aumentou para 186.225, representando um crescimento de 108,6% no período analisado. Esses dados foram organizados e podem ser visualizados na tabela 1.

Tabela 1: Notificação de lesões autoprovocadas de 2018 a 2021, totais e por gênero.

ANO	HOMENS	MULHERES	TOTAL
2018	27.732	61.532	89.264
2019	36.347	90.313	126.660
2020	30.115	67.155	97.270
2021	34.780	81.419	116.251
2022	41.710	98.419	140.129
2023	56.433	129.792	186.225

Fonte: DATASUS

Interpretando a tabela 1, ao considerar o fator gênero, observou-se que as mulheres representaram a maioria dos casos em todos os anos analisados. Em 2018, foram registrados 27.732 casos em homens e 61.532 em mulheres, enquanto em 2023, esses números aumentaram para 56.433 e 129.792, respectivamente. Esse crescimento percentual foi maior entre as mulheres (110,9%) em comparação aos homens (103,5%).

Durante o período pandêmico (2020 e 2021), houve uma redução momentânea nos números absolutos em relação a 2019, com 97.270 casos em 2020 e 116.251 em 2021, o que pode indicar uma subnotificação ou mudanças na dinâmica do atendimento hospitalar durante a pandemia. Entretanto, os anos subsequentes (2022 e 2023) apresentaram um crescimento expressivo.

A análise das faixas etárias indicou que a maior parte dos casos ocorreu entre jovens e adultos jovens. Em 2023, os grupos de 15 a 19 anos e 20 a 29 anos concentraram 35.934 e 57.148 casos, respectivamente, totalizando 50,1% de todas as internações desse ano. Esse padrão manteve-se ao longo de todo o período analisado, com aumento progressivo dos números em todas as faixas etárias. Estes dados foram organizados e podem ser visualizados na tabela 2.

Tabela 2: Notificações de lesões autoprovocadas de 2018 a 2023, por faixa etária.

ANO	< 1 ano	1-9 anos	10-14 anos	15-19 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	> 60 anos
2018	400	722	7.548	19.095	24.186	17.149	11.570	5.622	2.977
2019	70	674	11.838	29.535	35.723	22.869	14.844	6.946	3.770
2020	209	477	6.902	20.932	29.300	18.303	11.930	5.723	3.328
2021	25	740	10.472	24.896	35.223	20.736	13.767	6.225	3.607
2022	279	1.015	13.600	30.176	41.568	24.825	16.644	7.385	4.283
2023	1.140	1.788	14.858	35.934	57.148	35.153	23.915	10.285	6.055
TOTAL	2.123	4.994	65.218	160.568	223.148	139.035	92.670	42.186	24.020

Fonte: DATSUS

Nos anos pandêmicos (2020-2021), observou-se um leve decréscimo nas internações em comparação a 2019, sobretudo entre crianças e adolescentes de 10 a 14 anos, cujos registros caíram de 11.838 (2019) para 6.902 (2020). No entanto, a partir de 2022, houve uma retomada dos números, atingindo 14.858 casos em 2023 nessa mesma faixa etária. Os idosos (acima de 60 anos) representaram a menor parcela dos casos em todos os anos analisados. No entanto, verificou-se um aumento progressivo das internações nesse grupo, passando de 2.977 casos em 2018 para 6.605 em 2023, um crescimento de 121,9%.

Ao comparar os períodos pré-pandemia (2018-2019), pandêmico (2020-2021) e pós-pandêmico (2022-2023), identificou-se uma tendência inicial de queda no número de internações durante a pandemia, seguida por um aumento expressivo nos anos subsequentes. O total de internações passou de 126.660 em 2019 para 97.270 em 2020 (queda de 23,2%), mas subiu novamente para 140.129 em 2022 e 186.225 em 2023.

Esses dados sugerem que a pandemia pode ter causado uma subnotificação dos casos ou mudanças na busca por atendimento hospitalar. No entanto, o crescimento observado no período pós-pandêmico indica um agravamento do quadro geral das lesões autoprovocadas no Brasil.

RESULTADOS

Os dados apresentados revelam um aumento significativo das internações por lesões autoprovocadas no Brasil entre 2018 e 2023, com destaque para o crescimento expressivo no período pós-pandêmico. Esse fenômeno pode estar relacionado a fatores como agravamento de transtornos psiquiátricos, dificuldades no acesso à saúde mental durante a pandemia e impactos socioeconômicos prolongados da crise sanitária.

A pandemia de COVID-19 foi um evento global que afetou diretamente a saúde mental da população. Estudos demonstram que o isolamento social, o luto, a instabilidade econômica e o medo da doença aumentaram significativamente a incidência de ansiedade, depressão e transtornos relacionados ao estresse (OMS, 2021). No Brasil, a queda nas internações em 2020 e 2021, seguida por um aumento abrupto em 2022 e 2023, sugere que muitos indivíduos podem ter deixado de procurar atendimento hospitalar durante o auge da pandemia. Esse padrão foi observado em diversos países, onde houve redução inicial dos registros de lesões autoprovocadas, seguida por um aumento significativo no período pós-pandêmico (Silva et al., 2022).

Os resultados mostram que as mulheres apresentaram maior número de internações por lesões autoprovocadas em todos os anos analisados. Esse achado é consistente com a literatura, que indica que mulheres têm maior prevalência de comportamentos autolesivos, embora os homens apresentem taxas mais altas de suicídio consumado (Bachmann, 2018). Esse padrão pode ser explicado por fatores como maior vulnerabilidade emocional, histórico de abuso ou violência doméstica e maior predisposição a transtornos depressivos (Associação Brasileira de Psiquiatria [ABP], 2021).

Além disso, o crescimento mais acentuado dos casos femininos após a pandemia sugere que mulheres foram mais impactadas psicologicamente pelo isolamento social e pelo aumento da sobrecarga doméstica e familiar, fatores amplamente discutidos em pesquisas recentes sobre saúde mental durante a pandemia (Ministério da Saúde, 2022). No mais, mulheres tendem a ter um maior nível de autocuidado, em relação aos homens, o que as levam a procurar mais os serviços de saúde, consequentemente tendo mais notificações.

A análise por faixas etárias revelou que jovens entre 15 e 29 anos foram os mais afetados. Esse achado reforça o conhecimento prévio de que essa faixa etária é particularmente vulnerável a transtornos psiquiátricos, impulsividade e dificuldades emocionais (OMS, 2019). O aumento significativo das internações entre adolescentes de 10 a 14 anos também merece atenção, pois pode estar relacionado a maior exposição às redes sociais, cyberbullying e influência de comportamentos autolesivos divulgados online (Machado et al., 2023).

O crescimento expressivo dos casos em idosos acima de 60 anos também é um dado relevante. O isolamento social e o aumento da solidão durante a pandemia podem ter contribuído para essa elevação, especialmente entre aqueles com comorbidades psiquiátricas ou falta de suporte familiar (Lima et al., 2022).

Além disso, o aumento significativo das internações por lesões autoprovocadas entre crianças menores de 10 anos também é um ponto preocupante, pois, embora os números absolutos sejam menores em comparação a outras faixas etárias, a tendência de crescimento demonstra uma vulnerabilidade crescente nesse grupo. Esse fenômeno pode estar associado a mudanças na dinâmica familiar, exposição precoce ao estresse psicológico e dificuldades no reconhecimento e tratamento de transtornos mentais em crianças pequenas. O

acompanhamento psicológico infantil e a capacitação de profissionais da educação e da saúde para a identificação precoce de sinais de sofrimento mental são medidas essenciais para mitigar esse quadro.

O aumento expressivo das internações por lesões autoprovocadas após a pandemia reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à saúde mental no Brasil. A demanda por atendimento especializado cresceu, mas a rede pública de assistência psiquiátrica permanece deficitária, com falta de profissionais e acesso limitado a serviços de psicoterapia e psiquiatria pelo SUS (Ministério da Saúde, 2023).

Além disso, a tendência crescente das autolesões entre jovens e adolescentes exige intervenções específicas, como campanhas educativas, programas de conscientização nas escolas e ampliação de canais de atendimento psicológico. A capacidade dos serviços de emergência e atendimento psiquiátrico também precisa ser ampliada, dado o aumento expressivo dos casos que requerem internação hospitalar.

Estudos internacionais apontam tendências semelhantes. Países como Estados Unidos, Reino Unido e Canadá registraram aumento nas taxas de autolesão e tentativas de suicídio pós-pandemia, especialmente entre jovens e mulheres (WHO, 2022). No entanto, diferentemente do Brasil, muitos desses países possuem redes de suporte psicológico mais estruturadas, com programas de prevenção ao suicídio mais acessíveis à população. Isso reforça a necessidade de fortalecimento das políticas de saúde mental no Brasil para conter essa crescente demanda.

CONCLUSÃO

Este estudo analisou a evolução das internações por lesões autoprovocadas no Brasil entre 2018 e 2023, evidenciando um aumento significativo no número de casos, especialmente no período pós-pandêmico. Os dados demonstraram que mulheres e jovens entre 15 e 29 anos foram os grupos mais afetados, além de um crescimento preocupante entre adolescentes e idosos. A queda inicial nos registros durante a pandemia, seguida por um aumento expressivo nos anos subsequentes, sugere que o impacto da crise sanitária sobre a saúde mental da população foi profundo e de longa duração.

Com base nesses achados, torna-se evidente a necessidade de fortalecer políticas públicas voltadas à prevenção das lesões autoprovocadas e ao tratamento adequado dos transtornos mentais. A ampliação do acesso a serviços de saúde mental pelo SUS, a capacitação de profissionais para a identificação precoce de fatores de risco e a implementação de programas preventivos, especialmente em escolas e unidades de atenção primária, são medidas fundamentais para conter essa crescente demanda.

Além disso, o aumento expressivo de internações em crianças e idosos reforça a importância de estratégias voltadas para esses grupos vulneráveis. O suporte psicológico no ambiente escolar, o acompanhamento próximo de familiares e educadores, e a criação de políticas de combate à solidão e isolamento social em idosos podem contribuir para a redução dos casos.

Ainda que este estudo tenha trazido contribuições relevantes para a compreensão da epidemiologia das lesões autoprovocadas no Brasil, novas pesquisas são necessárias para aprofundar o entendimento dos fatores de risco associados e avaliar a efetividade de intervenções preventivas. A análise contínua desses dados é essencial para embasar políticas públicas eficazes e reduzir o impacto desse problema na sociedade.

Por fim, considerando a tendência de crescimento das internações nos últimos anos, é essencial que o Brasil reforce suas estratégias de saúde mental, garantindo que a população tenha acesso a atendimento psicológico e psiquiátrico adequado, além de fortalecer campanhas de conscientização e prevenção para reduzir o impacto das lesões autoprovocadas no sistema de saúde e na qualidade de vida da população.

REFERÊNCIAS

1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). Diretrizes para o manejo das lesões autoprovocadas. Rio de Janeiro: ABP, 2021.
2. BACHMANN, S. Epidemiology of suicide and the psychiatric perspective. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 15, n. 7, p. 1425, 2018. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph15071425>.

3. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política Nacional de Saúde Mental. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.
4. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. DATASUS. Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Brasília, 2024.
5. LIMA, A. F. et al. The impact of social isolation on the mental health of the elderly: A systematic review. *Journal of Geriatric Psychiatry*, v. 56, n. 3, p. 489-500, 2022.
6. MACHADO, D. B. et al. The influence of social media on self-harm behavior in adolescents: A review. *Psychiatry Research*, v. 320, p. 115038, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2023.115038>.
7. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Suicide worldwide in 2019: Global health estimates. Geneva: WHO, 2019.
8. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). COVID-19 and mental health: Impact and implications. Geneva: WHO, 2021.
9. SILVA, R. A. et al. Self-harm and suicide attempts during the COVID-19 pandemic: A global overview. *Journal of Affective Disorders*, v. 312, p. 17-26, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2022.03.049>.
10. WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). The impact of the COVID-19 pandemic on mental health services: A global survey. Geneva: WHO, 2022.